



Acadêmica: Laiz Aparecia Leoncio – laizaleoncio@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Drielle Sauer Paparella – drielle.spaparella@gmail.com

A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO SAGRADO PARA OS POVOS ORIGINÁRIOS: TERRITÓRIO, CULTURA E PRÁTICAS LIBERTADORAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade Galileu, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Botucatu, 23 de novembro de 2025

A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO SAGRADO PARA OS POVOS ORIGINÁRIOS: TERRITÓRIO, CULTURA E PRÁTICAS LIBERTADORAS

Laiz Aparecida Leôncio

Artigo aprovado como requisito para obtenção do título de Psicóloga pelo Curso de Psicologia da Faculdade Galileu

Data de Aprovação:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Drielle Sauer Paparelli – Orientadora

Professor Renan Merlin – Coordenador do Curso de Psicologia

Resumo

A dinâmica histórica da sociedade impõe severas ameaças e vulnerabilidades aos povos originários, resultando na desvalorização de seus saberes ancestrais e práticas tradicionais. Diante disso, este trabalho propõe um imperativo ético e político de resgate e preservação da cultura e dos direitos indígenas, valorizando seus sistemas de conhecimento. O objetivo é conscientizar a sociedade sobre a identidade e as histórias desses povos, sugerindo a garantia de políticas públicas específicas. A Psicologia assume um papel crucial ao contribuir ativamente para que a pessoa indígena possa exercer plenamente sua identidade em todos os contextos da vida social.

Palavras-chave: povos originários, saberes ancestrais, resistência, educação, libertação.

Abstract

The historical dynamics of society impose severe threats and vulnerabilities on indigenous peoples, resulting in the devaluation of their ancestral knowledge and traditional practices. Therefore, this work proposes an ethical and political imperative for the rescue and preservation of indigenous culture and rights, valuing their knowledge systems. The objective is to raise society's awareness of the identity and histories of these peoples, suggesting the guarantee of specific public policies. Psychology assumes a crucial role by actively contributing so that indigenous individuals can fully exercise their identity in all contexts of social life.

Keywords: Indigenous peoples, Ancestral knowledge, Resistance, Education, Liberation

1 INTRODUÇÃO

A transformação das culturas é algo inevitável, pois vem acompanhada de processos históricos, no caso dos povos indígenas ela vem também com ameaças à sobrevivência física, moral e cultural dos povos indígenas.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2017), a Educação Escolar Indígena segue as determinações da Constituição Federal de 1988, da LDB e do Referencial Curricular Nacional. O órgão ministerial federal (MEC) coordena as políticas, mas a execução prática é realizada pelos governos estaduais e municipais.

Resgatar e preservar as práticas medicinais e a cultura indígena, valorizando seus saberes ancestrais, participando da educação formal, respeitando os professores, os mestres do saber; a escola como um local sagrado, recuperação cultural e de direitos, garantindo que esses grupos tenham o direito de manter e transmitir suas tradições e saberes ancestrais.

A educação é libertadora, construiu esta pedagogia em contato direto com os oprimidos e as oprimidas, aprendendo deles, de suas falas e de seus jeitos de ler o mundo. (FREIRE, P., 2024, p.10).

Para eles, a escola é um lugar sagrado, onde se preserva os ensinamentos, os saberes ancestrais., preservando sempre toda cultura adquirida, através da cultura dos seus povos, repassados com respeito, gratidão e jamais menosprezados e ignorados perpetuando a cultura milenar dos povos indígenas.

A referência dos povos originários a "uma nação que fica de pé A educação da cidade é marcada pela competição e aborda a temática indígena como algo pertencente ao passado, o que a afasta da essência do aprendizado para a vida dos povos originários. Assim, torna-se pertinente o questionamento do autor aos educadores sobre o conhecimento de sua própria ancestralidade, fator fundamental para a transmissão de um saber integral (MUNDURUKU, 2009, p. 7, 17).

Estabelece um vínculo profundo com as árvores, pois as florestas são entendidas como entidades e organismos vastos e inteligentes. É o resgate do sentimento de conexão com a grandeza desses organismos que tem o potencial de mobilizar a proteção das florestas (KRENAK, 2020, p. 52).

O conhecimento individual tem uma dimensão coletiva e é classificado como um bem comum, que precisa ser socializado para todos, sem restrições de território, comunidade ou aldeia (LIMA, 2018, p. 7).

A educação urbana prioriza a competição, tratando o tema indígena como algo exótico e do passado, o que a afasta da essência da educação para a vida dos povos originários. Diante disso, o autor levanta o questionamento crucial se os educadores, que buscam oferecer o melhor de si, de fato conhecem a própria ancestralidade (MUNDURUKU, 2009, p. 7, 17).

No dia 19 de abril, a Psicologia deve fazer uma reflexão profunda sobre a diversidade indígena, que inclui 305 etnias e 274 línguas, além dos povos isolados e das comunidades urbanas. É necessário atentar para os problemas gerados pelo descaso e a pressão demográfica que atinge as aldeias (LIMA, 2023, p. 101).

Brasil, o que faço com minha cara de índia?

Brasil

Que faço com a
minha cara de
índia?

e meus cabelos
e minhas rugas
e minha história
e meus
segredos?

Que faço com a
minha cara de
índia?

e meus
espíritos
e minha força
e meu tupã
e meus
círculos?

Que faço com a
minha cara de
índia?

e meu toré
e meu sagrado
e meus
“cabôcos”
e minha terra?

Que faço com a
minha cara de
índia?

e meu sangue
e minha
consciência

e minha luta
e nossos filhos?

Brasil, o que
faço com a
minha cara de
índia?

Não sou
violência
ou estupro

Eu sou história
eu sou cunhã
barriga
brasileira
ventre sagrado
povo brasileiro

Ventre que
gerou
o povo
brasileiro
hoje está só

A barriga da
mãe fecunda
e os cânticos
que outrora
cantavam
hoje são gritos
de guerra
contra o
massacre
imundo.

POTIGUARA, 2019, p. 78)

Educação Formal:

A educação tradicional foca na humanização e empatia, promovendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico em um ambiente sagrado. O educador deve garantir acesso ao conhecimento para a vida social, criando vínculo afetivo-cognitivo e valorizando as culturas ancestrais para transformar a realidade

O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2016, p. 27) sugere que os saberes e ensinamentos dos povos originários podem e devem orientar a educação brasileira, promovendo valores como a espiritualidade e o cuidado com o bem comum do planeta Terra.

Na escola formal (do maternal ao EJA), a criança busca conhecimento teórico-científico com auxílio de professores, mas é crucial que não se esqueça dos mestres ancestrais, integrando o sagrado, a natureza e a conexão com o Ser Maior.

Segundo Rogers (2009, p. 24), uma das potencialidades mais preciosas da vida reside no respeito às diferenças individuais e no direito de cada um de dar o seu próprio significado à sua experiência particular.

Cada indivíduo adquire ensinamentos valiosos através da existência e da vivência comunitária, com culturas iguais ou diferentes. É essencial preservar e repassar os saberes ancestrais, exercendo a liberdade de se expressar e aprender. Isso permite descobrir as potencialidades do território e da comunidade, como o conhecimento sobre plantas medicinais.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Compreender a educação como espaço sagrado para os povos originários, analisando sua relação intrínseca com o território, com a cultura e com práticas educativas libertadoras.

2.2 Específicos

Analisar o significado do território no processo educativo indígena.

Analisar como os povos indígenas são compreendidos como sujeitos de conhecimento e não objetos na produção de saberes.

3 JUSTIFICATIVA

A relevância teórica do trabalho reside em sua análise do papel da educação como instrumento de direcionamento de ritos, tradições e conhecimentos milenares, enfatizando a profunda conexão do modo de vida indígena com o ambiente natural (fauna, flora, rios e cachoeiras). Ao buscar "ver com os olhos e ouvir com o coração", a pesquisa sugere um paradigma de escuta ativa do mundo que reverencia a conexão ancestral e a busca pela sabedoria milenar, reconhecendo a integralidade da vida, desde o nascimento até a transcendência da existência.

Este estudo aponta também o papel do psicólogo como agente de integração dos povos originários nas diversas camadas da sociedade como um todo.

4 METODOLOGIA

Este trabalho é de característica qualitativa e descritiva. O estudo qualitativo e descritivo visa detalhar as particularidades de uma população, fenômeno ou variáveis, focando no "o quê" acontece, sem buscar explicações causais. Este método coleta informações diretamente no ambiente em que o fenômeno se manifesta (por exemplo, descrevendo comportamentos ou características de um grupo), sem manipulação (Gil,

2002). Em suma, gera entendimentos contextualizados úteis para investigações futuras, mas não estabelece relações causais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A declaração, conforme postulado pelo antropólogo do povo Guarani, Emerson de Souza, durante a Semana da Psicologia da UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Bauru em 2019 e registrada nas Referências Técnicas para atuação de Psicólogas(os) junto aos Povos Indígenas (p. 27), é:

"O indígena não mais como objeto, mas sim como sujeito do conhecimento".

Essa assertiva sublinha a necessidade imperativa de se reconhecer o indígena como agente epistemológico, detentor e produtor de saberes e cosmologias próprias, em detrimento de uma visão que o coloca meramente como alvo passível de estudo ou assistência.

A psicóloga(o) possui um papel crucial no desenvolvimento de um cuidado integral para minimizar as condições de vulnerabilidade de diversas populações. Essa atuação se fundamenta no Código de Ética, cujo princípio visa promover a saúde e a qualidade de vida, eliminando todas as formas de opressão e negligência (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022, p. 12).

Para esse povo, a escola é um lugar sagrado, onde se preserva os ensinamentos, os saberes ancestrais, conservando sempre toda cultura adquirida, através da tradição dos seus povos, com respeito, gratidão e jamais menosprezando e ignorando, perpetuando assim, a cultura milenar dos povos indígenas.

Para a UNESCO, 2019 foi o ano internacional das línguas indígenas. Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletado. Sobram algumas, de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar o desenvolvimento sustentável. O que é feito de nossos rios, nossas

nascentes, nossas florestas, nossas abelhas, nossas paisagens, precisamos salvar nossas raízes. (KRENAK, 2019)

Segundo KRENAK, A.:

"Quando os povos originários se referem a um povo como uma 'nação que fica de pé', estão fazendo uma referência às árvores, pensando nas florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta. Esse sentimento mobiliza as pessoas para a ideia, que ficou banalizada, de proteger as florestas." (2019, p. 52).

Este texto denota mais uma vez a importância da relação dos povos originários com a natureza e sua cultura ancestral.

A educação urbana, que foca na competição, contrasta com a pedagogia indígena. O autor aponta que o público não-indígena se afasta do real sentido de educar para a vida ao observar o aprendizado da criança indígena. Adicionalmente, ele critica a escola formal por tratar a temática indígena como algo do passado ou exótico, desconsiderando a relevância e contemporaneidade de seus conhecimentos. (MUNDURUKU, D., (2000, P.7).

5.2 Cultura e identidade

A cultura Xucuru Kariri é mantida pela dança do Toré e pela preservação de seus saberes ancestrais e língua. Sua educação é tradicional, guiada por princípios religiosos que definem a relação com a natureza e são transmitidos oralmente de geração em geração.

5.3 Educação Formal:

A educação tradicional se baseia na humanização e empatia, exigindo do educador a garantia de conhecimentos relevantes para a vida social e comunitária do

aluno, além da criação de vínculos afetivos. A escola é um espaço sagrado que busca promover a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a transformação da realidade. Esse processo permite ao estudante enxergar novos horizontes, valorizando suas diferenças e culturas ancestrais (SOUZA, E.O., 2016, p. 27).

A sabedoria indígena deve orientar a educação brasileira para a espiritualidade e o bem comum, complementando o currículo formal com a conexão à natureza e ao sagrado para enriquecer a formação humana, sem esquecer os mestres ancestrais.

Segundo ROGERS, C., “reconhecer que essas diferenças que separam os indivíduos, o direito que cada pessoa tem de utilizar sua experiência da maneira que lhe é própria e de descobrir o seu próprio significado nela, representa as potencialidades mais preciosas da vida.” (2009, p. 24).

Cada indivíduo carrega consigo os ensinamentos adquiridos ao longo da vida e da convivência na comunidade, com grupos diversos. É crucial preservar e repassar os saberes ancestrais, expressando-se livremente para aprender, descobrir as potencialidades de seu território e comunidade, e buscar o conhecimento, como o das plantas medicinais.

6 CONCLUSÃO

O posicionamento do sujeito indígena como o "outro" historicamente oprimido e excluído nas estruturas sociais coloniais não anula sua existência ontológica e seu direito inalienável à alteridade.

A abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers oferece o instrumental teórico para o reconhecimento da subjetividade e da identidade cultural do educando. De forma complementar, a pedagogia libertadora de Paulo Freire propõe a práxis para desvelar as estruturas de exclusão e promover a conscientização crítica.

O foco é a urgência de legitimar um espaço de autonomia onde o sujeito indígena possa exercer plenamente seu direito à existência e à liberdade cultural. A existência de todo ser – seja ele o indivíduo isolado na mata ou inserido na

complexidade urbana – é, por si só, a razão suficiente para a reivindicação do respeito e da equidade, afirmando que a diversidade da vida exige o reconhecimento do direito irrestrito à plena liberdade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) junto aos Povos Indígenas**. Brasília, DF: CFP, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. [Edição]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2023

KRENAK, AILTON. **A Vida Não É Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, AILTON. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, AILTON **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, E. S. **Currículo, Cultura e Conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2011

ROGERS, Carl R. **Liberdade para Aprender**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa: o processo de aconselhamento**. 6. ed. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SOUZA, E. O.; PREZIA, B., **CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (Org.). Povos Indígenas e Psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: CRP SP, 2016.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**, 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin Edições, 2019.